

SOBRE A FELICIDADE E O CONSUMO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA AULA DE FILOSOFIA EM UMA TURMA DE ENSINO MÉDIO

ABOUT THE HAPPINESS AND THE CONSUM: REPORT OF EXPERIENCE OF A CLASS OF PHILOSOPHY IN A GROUP OF HIGH SCHOOL

Andrei Luiz Lodéa¹
Bárbara Nicola²
Carina Tonieto³
Cinthia Roso Oliveira⁴
Karine Piaia⁵

Resumo: O presente artigo é um relato de experiência sobre a aplicação de uma aula de Filosofia em uma turma de 1º ano de Ensino Médio, na Escola Estadual de Educação Básica Antônio João Zandoná, de Barra Funda-RS, no ano de 2017. O objetivo principal da aula foi problematizar o conceito de felicidade e, principalmente, refletir a respeito de sua relação com o consumismo, com as tendências individualistas e com a falta de liberdade de escolha, tão presente no universo dos jovens e da sociedade influenciada pelas mídias. A metodologia adotada foi a bibliográfica, seguindo a análise de textos que refletem filosoficamente o conceito de felicidade e textos que orientam o ensino de filosofia baseado em problemas. Para conduzir o tema em sala de aula e dar forma a este relato, adotou-se uma sequência didática estruturada na sensibilização, na problematização e na investigação filosófica e na sistematização, fazendo com que os alunos reflitam sobre temas que, muitas vezes, não ousamos pensar criticamente.

Palavras-chave: Felicidade; Consumo; Ensino de Filosofia; Sala de aula; Sequência didática.

Abstract: The present article is a report of an experience about an application of a philosophy class in a 1st year class of High School, at Escola Estadual de Educação Básica Antônio João Zandoná (State School of Basic Education Antônio João Zandoná), from the city of Barra Funda –

1 E-mail: lodea@upf.br

2 E-mail: barbaranicola.projetos@gmail.com

3 E-mail: tonieto.carina@gmail.com

4 E-mail: croliveira@upf.br

5 E-mail: karinepiaia@hotmail.com

State of Rio Grande do Sul/Brazil, at the year 2017. The main objective of the class was to put on doubt the concept of happiness, but mainly to reflect its relation with consumerism, its individualistic tendencies, and the lack of freedom of choice so present in the universe of young people and of society, influenced by the media. The methodology adopted was the bibliography, following the analysis of texts that reflect philosophically the concept of happiness and texts that lead the teaching of philosophy, based on problems. In order to conduct the subject in classroom and to give form to this report, it was to adopt a didactic sequence, structured in the awareness, the problematization, the philosophical investigation and the systematization, bringing along to the students the possibility to reflect about subjects that we usually don't dare to think critically about.

Keywords: Happiness. Consum; Teaching of philosophy; Classroom; Didactic sequence.

INTRODUÇÃO

Desde o ano de 2017, o “Grupo de Estudo em Filosofia” (GEF)⁶ da Universidade de Passo Fundo, ligado ao projeto de extensão *Ensino e Inovação*, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), vem desenvolvendo parcerias com escolas da região Norte do Rio Grande do Sul, com o intuito de criar sequências didáticas e experimentá-las em sala de aula, objetivando a troca de experiências com estudantes e professores de diferentes áreas do conhecimento. Este relato traz como parceira a Escola Estadual de Educação Básica Antônio João Zandoná, de Barra Funda-RS, que desenvolve, desde 2001, uma prática pedagógica diferenciada de outras escolas. A escola pauta seu trabalho na pesquisa da realidade e na escolha de temas geradores, motivadores para estudos nas diversas disciplinas. Esta proposta metodológica busca o despertar da autonomia dos estudantes e a prática da pesquisa por meio de projetos. A atividade de pensar em conjunto com os professores da educação básica e aplicar aulas nas escolas da região Norte do Rio Grande do Sul demonstra o compromisso do curso de Filosofia e da Universidade de Passo Fundo com a melhoria do ensino básico, com o incentivo à prática da pesquisa entre docentes e alunos e também com a experiência da extensão, pilares fundamentais de uma Universidade preocupada com a qualidade e com a melhoria dos processos educativos, tanto na educação básica, quanto na educação superior.

Buscando conectar essa pesquisa da realidade desenvolvida pela Escola Zandoná com a problematização e com a metodologia do ensino de filosofia, optou-se pela aplicação de um questionário sociocultural para identificar as vivências culturais⁷ dos alunos. A partir da compilação dos dados por turmas, os integrantes do grupo de estudos dividiram-se para elaborar planos de aula com base nos temas de maior interesse dos alunos. Dentre eles, a turma 101 do Ensino Médio do turno diurno escolheu refletir sobre o tema Felicidade. No questionário sociocultural encontraram-se respostas relativas aos padrões de consumo e à aceitação social dos alunos, além da inquietação de querer entender os “porquês” dessa realidade que causa sofrimento, angústias e desalegrias.

Tendo por base os resultados do questionário sociocultural da turma 101, preocupamo-nos

⁶ Desde final de 2018, o Projeto de Extensão “Grupo de Estudos em Filosofia” passou a se chamar Projeto Arché – Criação e Experimentação Filosófica.

⁷ Como aspectos da vivência cultural, compreendemos suas crenças, desejos, hábitos de entretenimento, incluindo festas, pesquisas na internet, livros, jornais, desenhos, músicas, esportes e outros jogos, etc.

em refletir a relação da felicidade atrelada ao consumo. Os objetivos da aula, quanto aos conteúdos, buscavam problematizar o conceito de felicidade e estabelecer uma relação entre felicidade e bens de consumo. Objetivou-se, tendo em vista as habilidades dos alunos, investigar as capacidades de atenção, leitura e interpretação de músicas, textos e vídeos; priorizar a conversa e o diálogo entre os estudantes; incentivar a escrita e sistematização lógica das ideias trabalhadas em aula; despertar a sensibilidade da escuta e a reflexão individual sobre o tema. Para isso, utilizaram-se vários recursos didáticos, dentre eles: objetos e imagens de objetos para a atividade de sensibilização, músicas e textos para a problematização e investigação filosófica do tema, vídeos como forma de sistematização e avaliação da atividade.

Para cumprir essa metodologia, adotou-se a sequência didática baseada na sensibilização, na problematização, na investigação filosófica e na sistematização. A escolha por essa sequência didática foi possível a partir dos estudos realizados no Grupo de Estudos em Filosofia (GEF). Ao fazer a análise dos textos *A Filosofia em sala de aula*, de Matthew Lipman (2001), *Filosofia para crianças na prática escolar*, organizado por Kohan e Waskman (1998) e o texto de Trombetta (2013), do livro *Filosofia nos olhos: experiências de ensino*, considerou-se adotar a sequência didática acima citada como orientação para nossas reflexões e momentos de fazer filosófico.

Este relato de experiência buscará apresentar o estudo realizado sobre o tema, a experimentação do estudo e os relatos da atividade realizada na Escola Zandoná no ano de 2017. Para melhor conduzir o leitor em nossa experiência didática, dividiu-se este artigo em três momentos. Em um primeiro momento, apresenta-se o referencial teórico que deu sustentação para o tema felicidade e consumismo. Como base de fundamentação, optou-se pela utilização de três autores: Aristóteles (1999), Epicuro de Samos (1985) e John Stuart Mill (2007), além de um texto e um vídeo sobre o maior estudo feito abordando o tema felicidade. Posteriormente, apresentam-se os momentos metodológicos e a sequência didática adotada para a aula em questão, considerando o seguinte roteiro: a) sensibilização; b) análise de música e início da problematização; c) problematização e investigação filosófica com auxílio de texto; d) avaliação e encaminhamentos como orientação para nossas reflexões filosóficas. Na última parte, apresenta-se o relato dos alunos sobre a aula e sobre a avaliação feita por eles, visando perceber se a proposta levou à apropriação dos conceitos e à prática de habilidades para que refletissem criticamente o sentido da felicidade e suas relações com o consumismo.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO TEMA FELICIDADE E CONSUMISMO

Ao problematizarmos o conceito de felicidade, é produtor trazermos Aristóteles para a nossa discussão. O filósofo grego, em sua *Ética a Nicômaco*, apresenta-nos uma concepção robusta de felicidade. No início do texto, ele apresenta a ideia de que tudo o que fazemos pretende um fim e este fim deve ser o bem, o *sumo bem* (ARISTÓTELES, 1999). Até mesmo os bens que adquirimos ou as riquezas que acumulamos devem ter por finalidade o bem. A aquisição e o acúmulo em excesso podem ser prejudiciais e causar a ruína do ser humano (ARISTÓTELES, 1095a). Esse pensamento foi proposto há mais de 2500 anos e, após tantos anos, deparamo-nos com o mesmo problema, qual seja: o acúmulo de bens e o desejo desenfreado por consumi-los, bem como os malefícios causados pela imprudência e a busca cega pela felicidade irrestrita, conceito que não pode ser tratado com desprezo. Afinal, nossa felicidade depende do quê? O que é a felicidade? Dialogando neste momento com Aristóteles e tendo presente o fato de estarmos envolvidos com uma turma de adolescentes, uma reflexão sobre felicidade é viável? Os jovens teriam condições de perceber ou visualizar sua verdadeira felicidade e de que essa depende? O filósofo grego afirma que os jovens guiam suas ações por meio das paixões (ARISTÓTELES, 1095a). Orientam-se a todo custo nas coisas que lhes trazem alívio imediato para suas angústias, frustrações

e desejos. Apesar disso, essa atividade de reflexão e problematização filosófica foi possível na turma da Escola Zandoná.

A constatação feita por Aristóteles é que todos os seres humanos, desde os incultos até os de conhecimento erudito, concordam que a felicidade, o *sumo bem*, está associado ao prazer; assim, amam a vida agradável (ARISTÓTELES, 1095b, grifo nosso). Esse tipo de vida diverge da vida política, destinada ao cultivo da honra, por exemplo, e a vida contemplativa, dedicada ao cultivo da sabedoria, em contraponto. Para o filósofo estagirita, a felicidade é o bem último a ser buscado, o único bem em si mesmo, absoluto, e que não depende de outros bens para ser atingido, por isso é o sumo bem (ARISTÓTELES, 1097b). Nossa busca pelos bens do mundo, pelos prazeres e pelo alívio das dores do corpo são os meios que almejamos para sermos felizes. No nosso universo cultural isso se apresenta quando buscamos a aceitação do outro, o acúmulo de bens, produtos e riquezas, associando esses itens ao que seja a verdadeira felicidade; o que parece ser um disparate, ao menos segundo Aristóteles. Para ele, “[...] a felicidade é uma certa atividade da alma conforme a virtude. Dos outros bens, alguns devem, necessariamente, estar presentes como condições prévias da felicidade, e outros são naturalmente coadjuvantes e úteis como instrumentos” (ARISTÓTELES, 1099b, §25), assim indica que os bens exteriores e as condições para exercermos satisfatoriamente nossa vida devem ser levados em conta em nosso cálculo da felicidade, mas esses devem ser tão somente um meio, não um fim intrínseco de nossa vida humana.

A felicidade é uma atividade humana e só saberemos se somos ou não felizes com o fim de nossa vida, fazendo uma avaliação do que nos fez felizes e infelizes em nossa curta existência terrena. Essa ideia pode estar muito bem alinhada com o estudo empírico sobre a felicidade, o maior já realizado até hoje pela Universidade de Harvard, ao longo de 75 anos – a pesquisa continua neste momento. Neste estudo, as respostas encontradas pelos cientistas para afirmar do que dependia uma vida feliz foram as boas amizades, as boas relações e a vida em família. Os participantes, durante mais de sete décadas, já nos altos dos seus noventa anos, são a prova fundamental para essa ideia: “bons relacionamentos nos mantêm mais felizes e saudáveis. Ponto final.” (WALDINGER, 2017). As atividades virtuosas são as mais duradouras, pois dedicamos nossa vida a elas. Como poderíamos depositar nossa felicidade em um bem ou em um prazer que terá prazo de validade determinado, que tem sua obsolescência programada? Se assim o procedermos, não estaríamos dando um prazo de validade e obsolescência também para a felicidade?

O ateniense Epicuro de Samos, nascido em 341 a.C., também se preocupou em refletir o conceito de felicidade associado à vivência ética dos cidadãos. Para ele, a felicidade seria atingida por prazeres, mas esses deveriam ser moderados, trazendo um estado de tranquilidade. Afirma o autor: “Chamamos prazer o princípio e o fim da vida feliz. Com efeito, sabemos que é o primeiro bem, o bem inato, e que dele derivamos toda a escolha ou recusa e chegamos a ele valorizando todo bem com critério do efeito que nos produz” (EPICURO, 1985, p. 56). Apesar de se basear na realização de desejos, o filósofo diz que quando a busca pelo prazer é exacerbada, ela pode ser fonte de perturbações constantes, dificultando o encontro da felicidade, caracterizada como a manutenção da saúde do corpo e a serenidade do espírito. Fugir dos luxos excessivos, das multidões e desfrutar da harmonia que a natureza oferece são alguns dos preceitos passados pelo filósofo. Mas, tão importante quanto entender o conceito de felicidade para Epicuro, é destacar o conceito de prazer. Se o desprazer é sofrimento, é perturbação física e mental, é necessário, então, definir o prazer: “A ausência de perturbação e de dor são prazeres estáveis; por seu turno, o gozo e a alegria são prazeres de movimento, pela sua vivacidade” (EPICURO, 1985, p. 57). Assim, devemos ainda considerar que o prazer físico deve ser comedido, isto é, sua não moderação pode causar dores e sofrimentos. Nesse caso, o desejo por bens materiais ou o consumo em excesso poderia ir ao desencontro da felicidade, poderiam ser portadores de mais dor do que o bem-estar e a alegria. De acordo com Epicuro, uma vida feliz é uma vida simples e em harmonia com a natureza.

Segundo Epicuro, o distanciamento da natureza é a causa da maior parte de nossos des-

prazeres e desalegrias, pois nos impomos desejos e temores infinitos (EPICURO, 1985). Nossa busca incessante por consumo e os medos que impomos à nossa vida são os resultados de nosso afastamento da simplicidade da natureza. Sendo assim, a diminuição dos desejos poderia ser um bom começo para usufruirmos do prazer como um bem inato, ou seja, uma vida feliz. Dentre as inúmeras frases atribuídas a Epicuro, apresentamos esta: “Quem menos sente a necessidade do amanhã mais alegremente se prepara para o amanhã” (EPICURO, 1985, p. 59).

O hedonismo epicurista influenciou um grande número de pensadores modernos. O filósofo londrino John Stuart Mill (1806-1873) desenvolveu sua teoria hedonista associada ao utilitarismo, teoria que se apresenta como uma proposta distinta àquela pensada por Aristóteles. Mill desenvolve a ideia de que a felicidade está associada à quantidade de prazer que podemos experimentar em nossas práticas humanas. Quanto maior for a maximização do prazer e a ausência de dor, maior é a felicidade pessoal e coletiva. Ele afirma que “por felicidade entende-se o prazer, a ausência de dor; por infelicidade a dor, e a privação do prazer” (MILL, 2007, p. 10). Independente da escolha feita, Mill busca explicar que há intensidades distintas para nossos prazeres, tratando-os como superiores e inferiores, e a única forma de saber qual deles é a melhor será experienciando-os.

Essa discussão lança a dúvida, novamente, se os bens materiais e de consumo, que nos proporcionam prazer e satisfação, realmente nos tornam felizes. Se a resposta for afirmativa, como parece ser a proposta de Mill (2007), então a proposta aristotélica estaria ultrapassada. Não é bem assim. Mill possui uma diferença com relação a outros hedonistas, dentre eles, Bentham. Os prazeres precisam ser superiores. Eles devem ser prazeres condizentes com as capacidades racionais humanas. Não podemos considerar que os hábitos de porco são superiores só porque ele sente prazer de porco, usando aqui a analogia de Mill (2007). Não é o número de prazeres que eu disfruto que me tornará feliz, mas a análise de sua intensidade e de seus resultados. Na visão de Mill, nem sempre as experiências mais prazerosas, aquelas que seguem uma preferência pessoal ou coletiva, são as melhores experiências. Talvez essa análise mostre-se mais visível se lançarmos um olhar para o direito de outras espécies. Não parece correto sacrificar um boi ou causar o seu sofrimento para promover o prazer ou divertimento de algumas centenas de pessoas em uma arena. Na análise que Tim Mulgan faz do utilitarismo, buscando diferenciá-lo do simples hedonismo e da maximização do prazer, podemos ler: “se você afora prazer na tortura de outros [animais], então isso faz com que sua vida se torne pior, e não melhor (MULGAN, 2012, p. 94, acréscimo nosso). Dessa forma, preferências subjetivas, mesmo que produzam felicidade, podem não ser consideradas boas ou justas. O que vale nesse contexto são os meios utilizados para atingirmos um fim desejado – em nosso caso, a felicidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RELATO DA ATIVIDADE PROPOSTA

Refletir e pensar sobre os desejos juvenis e sua realidade objetiva é fundamental para entender o conceito de felicidade e o que torna as pessoas felizes. Nossa abordagem metodológica foi organizada em quatro momentos: a) sensibilização; b) análise de música e início da problematização; c) problematização e investigação filosófica com auxílio de texto; d) sistematização, avaliação e encaminhamentos. A sequência didática, partindo do universo cultural dos alunos e atendendo a reflexão filosófica de autores como Lipman (2001), Kohan e Waksman (1998) e Trombetta (2013), seguiu um sistema crítico e reflexivo apoiado na sensibilização, na problematização e investigação filosófica e na sistematização do conteúdo. Esses autores ajudaram o grupo de estudo em filosofia a pensar, experimentar e aplicar a sequência didática como uma peça fundamental do fazer filosófico em uma turma de adolescentes da primeira série do ensino médio.

2.1 Dos procedimentos metodológicos

a) Na parte inicial de nossa aula, realizou-se a sensibilização. Trata-se de um primeiro momento, necessário para motivar os alunos para a reflexão filosófica, e foi baseada em suas vivências culturais (TROMBETTA, 2013). A atividade consistia numa dinâmica de grupo que utilizou objetos de consumo, imagens/fotos de objetos e lugares, etc. Numa primeira sondagem em sala de aula (essa foi uma atividade prévia feita pela professora titular da turma), pediu-se aos alunos quais objetos os remetiam à ideia de felicidade. Esses, em sua maioria, mencionaram objetos de consumo como celulares, cartão de crédito sem limites, viagens, festas, bola, comida e inclusive bebida alcóolica, "mulheres", etc. Com base nessas evidências, foram levados para a sala de aula vários objetos e imagens de objetos de consumo e que faziam parte do universo de desejo dos alunos. Formou-se um círculo e, com a ajuda deles, os objetos e as imagens foram expostos (as) no centro da sala de aula. Feito isso, cada um escolheu um objeto ou uma imagem e, após a escolha, foram convidados a falar sobre a sensação que ele despertou⁸.

Questionamos se o objeto ou a imagem despertava alguma alegria ou prazer e se o prazer é bom. Apenas esse objeto ou essa imagem é suficiente para você ser feliz ou é necessário algo a mais? O quê? Neste momento, convidamos os alunos a falar sobre suas sensações e sentimentos. Na sequência, veio o momento da desconstrução por meio de uma nova sensibilização, solicitando que cada aluno escolhesse um objeto ou uma imagem de um dos colegas e pegasse para si, deixando seu objeto ou sua imagem do objeto ao outro colega (fez-se isso até todos protagonizarem a troca, mas os alunos não puderam resgatar seu objeto ou sua representação). Então, solicitamos, neste momento de desconstrução, que expressassem quais foram as sensações experimentadas: se houve frustração ao perder o objeto ou a imagem; se a felicidade diminuiu; que atitude adotar perante essas sensações de frustração, perda, medo, etc. Assim, houve mais um momento de fala. Por fim, para aprofundar a investigação filosófica, questionamos: podemos dizer que existem prazeres melhores ou piores? Para refletir sobre isso, trouxemos as ideias de Aristóteles (1999), Epicuro (1985) e Mill (2007). A duração desta atividade foi de 20 minutos, aproximadamente.

Tratando-se de um método reflexivo, esse momento inicial propicia ao aluno as condições necessárias para a apropriação do conteúdo da aula e para a participação ativa nela. Segundo Trombetta (2013, p. 11), "não é preciso sair da 'vida' para experimentar uma inquietação de natureza filosófica". Podemos colher muitas informações do universo cultural dos alunos ao se contextualizar um tema que será apresentado em sala de aula. Assim, a sensibilização caracterizou-se como um momento fundamental para o desenvolvimento da aula em questão. Mas, é necessário pensar estrategicamente a sequência didática para dar conta do conteúdo e da proposta da aula; é necessário ter claro qual será o ponto de partida e também o ponto de chegada (TROMBETTA, 2013).

b) Dando por finalizada a sensibilização, entrando novamente no universo cultural do aluno, apresentou-se o *funk* "Felicidade é ter dinheiro", de MC Melqui. A música foi escolhida por tratar-se de uma música similar àquelas que os alunos estão acostumados a ouvir e também porque o estilo musical, o *funk*, compõe o universo cultural da turma. Inicialmente, foi distribuída uma cópia com a letra da música para todos os alunos. Segundo Trombetta (2013), a música pode ser utilizada para abrir novos pontos de vista, novas relações e novas perguntas sobre o tema que será desenvolvido em aula. Na sequência, ela foi ouvida pela turma.

Após este primeiro momento, os alunos foram convidados a destacar/marcas na letra da música as palavras que remetiam à felicidade. Buscou-se questionar o que é felicidade e qual tipo de sensação estava em evidência. Escrevemos no quadro as conclusões a que chegaram sobre a letra da música e sua relação com o tema em discussão. Questionamos ainda: a amizade,

⁸ Os objetos e imagens de objetos apresentados aos alunos representavam algum item de consumo, dentre eles: computadores, smartphones, calçados, joias, carros, viagens, bebidas alcólicas etc. Por uma questão de espaço, optou-se por não inserir imagens no texto. Elas podem ser acessadas no link <https://goo.gl/119ZqL>

o amor e o namoro dependem de dinheiro? Essa felicidade pode ser duradoura? A partir desse momento, entrou-se na problematização filosófica sobre o conceito de felicidade. Dedicou-se 25 minutos para essa atividade.

c) Buscando aprofundar a problematização e dando início à investigação do tema, oportunizamos a interpretação do texto “Por que você não é uma pessoa totalmente feliz?”, do professor Nadir Pilcher (2009). Os alunos foram convidados a ler o texto e fazer seus apontamentos sobre o que eles entenderam. Após a leitura, realizamos a problematização e colhemos as falas e o entendimento dos alunos; para tanto, algumas perguntas guiaram nossa proposição, tais como: por que a felicidade está tão relacionada com as coisas exteriores? É evidente que este tipo de felicidade não é duradouro; então, por que a mídia e nós mesmos insistimos nessa procura infeliz e inútil? Será que ter coisas, objetos, deve ser abolido como meios para alcançarmos alegria e felicidade? Podemos depositar nossa felicidade em um bem ou em um prazer que terá prazo de validade determinado? Essas questões levaram-nos a promover uma investigação filosófica sobre o estudo do conceito felicidade. Para isso, os alunos foram convidados a apresentar as diferenças que eles enxergaram entre o conceito de felicidade abordado pela música e abordado pelo texto, com uma escrita no caderno. Fez-se um paralelo no quadro entre o que foi falado e escrito sobre a música, buscando acrescentar os aspectos filosóficos do texto analisado e sua concepção sobre felicidade. Os alunos, ao lerem o texto e analisarem a música, desenvolveram uma dinâmica específica de pensar e de produzir o pensamento crítico, o filosofar (TROMBETTA, 2013). Ao todo, esse momento teve uma duração de 25 minutos.

Teoricamente, a problematização e a investigação filosófica ou o processo de reflexão crítico-filosófica, através de um problema filosófico, torna o ato de aprender mais envolvente e desafiador, principalmente se o tema faz parte das vivências dos alunos. Trombetta (2013) afirma que cabe ao professor, no momento da problematização, mobilizar o estudante para transformar vivências e pensamentos em problemas filosóficos. Na discussão proposta sobre a felicidade e sobre o consumismo, o aluno deveria fazer associações e expressar suas ideias por meio da fala ou da escrita. Buscamos desvincular a ideia popular de que “felicidade” é ter dinheiro, bens e amores. Felicidade, como pensam os autores estudados, não está diretamente associada a coisas ou a posses. Contudo, pode-se aproveitar estas experiências para tornar a reflexão mais profunda e transformadora, ampliando a compreensão conceitual do tema. A problematização e a investigação filosófica não devem ser o “abortamento” das vivências e das compreensões dos alunos sobre o assunto, mas uma ampliação. “É preciso receber as concepções dos alunos e, ao mesmo tempo, ‘desconstruí-las’, explicitando suas incongruências internas” (TROMBETTA, 2013, p. 13; cf. LIPMAN, 2001). Ainda, segundo Lipman (2001, p. 144), o sucesso de uma aula de filosofia está na discussão e na construção de juízos intelectuais dos estudantes, aqui, realizados pela problematização e pela investigação filosófica.

d) Para finalizar nossa atividade de problematização e investigação filosófica, foi exibido o vídeo “Do que é feita uma vida boa? Lições do mais longo estudo sobre a felicidade”, palestra proferida por Robert Waldinger em uma das séries de conferências promovidas pela *TED talks*, com duração de 12 minutos, sobre o maior estudo sobre felicidade. A partir desse material didático, encaminhou-se a sistematização do processo de aprendizagem. Esta foi a atividade final. Os alunos foram convidados a redigir um texto, partindo da nossa problematização inicial: “se você tivesse que investir em seu futuro, agora, em que você dedicaria seu tempo e sua energia?”; ou a outra pergunta: o que é necessário para ser feliz? Do que depende a minha felicidade? O tempo para isso foi de 25 minutos.

Para avaliarmos nossa atividade, buscou-se fazer uma discussão final sobre o que foi aprendido e conversado durante a aula. Para Trombetta (2013), a sistematização escrita cumpre o papel de “teste de qualidade” do processo desenvolvido; é o momento da conquista daquilo que a consciência não tinha disponível no início – estava mergulhada no “vivido” e no não “pro-

blematizado". Por isso, nosso convite aos alunos escreverem um breve texto sobre o conceito de felicidade, respondendo as seguintes questões: "qual era sua ideia de felicidade antes da aula e qual é seu conceito agora? Você mudou de pensamento? Sim? Não mudou? Justifique sua resposta."

Para cumprir nossa metodologia e aplicação da sequência didática, foram utilizadas duas aulas de 90 minutos. Na primeira, trabalhou-se a sensibilização, a problematização e a parte da investigação filosófica; na segunda, retomou-se a sensibilização para aprofundar a investigação filosófica e finalizou-se a atividade com a sistematização do conteúdo desenvolvido. Mais detalhes sobre esses tópicos serão agora apresentados em nosso relato de experiência.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA E AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Antes de iniciarmos nossas atividades, a turma foi disposta em círculo, o que facilitou os trabalhos; os objetos e as imagens necessários (as) para a atividade de sensibilização foram dispostos no centro da classe; no quadro, a professora titular da turma escreveu a frase geradora de nossa aula: "se você tivesse de investir em seu futuro agora, em que você dedicaria seu tempo e sua energia?" Essa frase foi a abordagem inicial sobre o assunto. A partir dela, os alunos foram convidados a expressar suas ideias, as quais foram anotadas no quadro.

A proposta de sensibilização (ver alínea "a") obteve o resultado esperado. Muitos mostraram-se receosos em falar sobre a escolha de seus objetos e de suas imagens. Já, por parte dos demais alunos e alunas, a participação foi pontual e poucos expressaram suas sensações e sentimentos. É uma turma dedicada e atenta, mas eles não gostam de expressar suas ideias para o grupo. Para Lipman (2001), isso não chega a ser um problema, já que muitos alunos e alunas mostram-se atentos e interessados na aula, sem participarem ativamente das discussões. No segundo momento da sensibilização, eles deveriam escolher o objeto ou a imagem de um dos colegas e pegar para si. Foi o momento mais interessante, pois muitos alunos não queriam entregar seu objeto. Destacamos a fala de uma aluna B que não queria entregar seu objeto de desejo. Segundo ela, "a sensação era de raiva", pois ela gostaria muito de ter aquele objeto (um *MCBook*). Nesse momento, foi possível perceber que a discussão envolveu os alunos e alunas, pois o momento inicial de constrangimento e timidez deu lugar à fala e ao diálogo (Cf. TROMBETTA, 2013; LIPMAN, 2012; KOHAN, WAKSMAN, 1998)

Um *funk* foi usado para motivar novamente os alunos e aprofundar a reflexão. A música tem por título "Felicidade é ter dinheiro" e trata sobre o que é felicidade na visão do MC Melqui. Questionamos se realmente nossa felicidade dependia desses objetos. Para os alunos, a resposta foi não, mas que os objetos podem ser um meio para a felicidade. Os alunos e alunas expressaram que se trata de um *funk* ostentação, definindo os objetos e as coisas que possuímos como sinônimos de poder e, como consequência, de felicidade. Aproveitando a contribuição dos jovens, problematizamos o conceito de felicidade para Aristóteles. Partilhamos com os estudantes os conceitos de *meio* e de *fim*, utilizando, para tanto, exemplos como a saúde e o futebol, facilitando, assim, a compreensão do conceito pensado pelo filósofo grego. Também abordamos com eles as ideias de prazer, pensada por Epicuro (1985), e os níveis de prazeres, pensados por Mill (2007). Os alunos foram participativos, mas precisavam ser motivados. Percebemos que muitos faziam apontamentos em seus cadernos, demonstrando interesse e comprometimento com nossa linha de raciocínio, a qual também era apresentada no quadro.

O texto "Por que você não é uma pessoa totalmente feliz", do professor Pichler (2009), teve a pretensão de desconstruir (apresentando um ponto de vista alternativo) as afirmações expressas na música. Buscamos fazer no quadro um esquema que traduzia a ideia de felicidade na música e no texto estudado. O texto foi lido pelos alunos e, posteriormente, discutido. Os alunos apresentaram as principais ideias do texto, as quais foram registradas no quadro. De acordo com Trombeta

(2013), sobre a importância dos “textos” filosóficos em sala de aula, a tradição deve ser interpretada e absorvida pelos alunos, trazendo à aula um olhar diferente sobre sua própria consciência e sua concepção sobre a própria aula de filosofia (cf. LIPMAN, 2001).

A segunda aula tratou, inicialmente, de retomar a investigação filosófica. O texto foi lido em voz alta pela turma, discutindo e refletindo alguns de seus conceitos principais. Depois, os alunos foram convidados a responder duas questões interpretativas do texto, que eram: “Por que não é possível alcançar uma felicidade total e perfeita?” “O que seria a felicidade baseada em bens coadjuvantes e nos bens constitutivos?” A partir das respostas, já pudemos perceber que eles haviam compreendido e internalizado o texto, pois conforme as respostas eram lidas, os alunos já faziam a comparação com a música e com a atividade prévia, percebendo as diferenças entre elas.

Após este momento de retomada das ideias da aula anterior, apresentou-se o vídeo “Do que é feita uma vida boa? Lições do mais longo estudo sobre a felicidade”, o qual trata sobre o mais longo estudo desenvolvido pela Universidade de Harvard no que tangia a felicidade, trazendo como pergunta norteadora o que tornava as pessoas mais felizes.

O vídeo cumpriu seu papel enquanto sistematização da investigação filosófica acerca do tema, e facilitou a retomada da questão central, para então fazer a atividade avaliativa. Algumas respostas foram curtas, outras mais longas e reflexivas, mas foram unânimes em relação ao conceito de felicidade não estar apenas atrelado ao dinheiro e aos bens materiais ou de consumo. A pergunta que fizemos aos alunos como forma de sistematização da atividade foi: “do que depende nossa felicidade?” Nesse sentido, destacamos os seguintes depoimentos. O aluno A respondeu:

[...] Muitas vezes, acabamos acreditando em uma felicidade ligada ao consumo, como nos mostra as propagandas/mídia; porém, essa felicidade é momentânea, ou seja, após o produto comprado acabar ou estragar, já mudamos nosso estado de humor. Mas, precisamos ter em mente que a felicidade está mais ligada com o “ser” e não com o “ter”. Para se ter uma felicidade mais duradoura, é preciso ir em busca de autoconhecimento e de virtudes, coisas que não compramos com o dinheiro [sic].

Ao continuarmos a análise, percebemos também a mudança reflexiva que conseguimos atingir. Lembra do aluno B, mencionado no início de nossa atividade inicial? Essa é sua resposta, após termos refletido sobre o tema:

[...] Quando começamos a ver sobre este assunto, pude mudar meu conceito sobre felicidade, pois antes eu via que para ser feliz precisava de dinheiro, mas após o estudo pude perceber que a felicidade eu tenho em mãos, mas ainda não enxergava, pois tenho uma família que me apoia, amigos e tenho uma escola que me ajuda a superar os desafios todos os dias, coisas que não se compra em loja alguma com dinheiro nenhum. [sic] [...]

Poderíamos, então, aqui, alongarmos-nos, pois teríamos uma contribuição de cada aluno. Todos os alunos fizeram essa atividade de sistematização, mesmo que resumida numa frase.

CONCLUSÃO

Este relato de experiência sobre o tema da felicidade e consumo serviu para melhorar a compreensão de como abordar e desenvolver em sala de aula um problema filosófico através da reflexão. Uma aula de filosofia não ocorre somente com a exposição histórica e social de conceitos e filósofos, mas por meio de uma sequência didática que envolva o pensamento crítico e o fazer filosófico. Demonstrou-se que o estudo de um tema complexo como a felicidade pode ser realizado, buscando informações nas vivências culturais dos alunos ou da comunidade escolar. Assim, é possível tornar o conteúdo mais familiar aos estudantes e tornar-se um experimento para suas habilidades de pensamento, fala e escrita.

A problematização de um assunto em sala de aula não é tarefa fácil, mas é de extrema importância, pois sem ela o professor torna-se um expositor de conteúdos e não um mediador do conhecimento. Nesse sentido, os encontros no Grupo de Estudos em Filosofia (GEF) nos desafiaram, fizeram-nos refletir a teoria e transpô-la para a prática em sala de aula, vivenciando com os alunos a real construção do conhecimento. De nada adianta, para a academia, a construção de conhecimento, se esse não extrapolar os limites da Universidade e chegar até as salas de aulas, aos professores e aos alunos, no chão da escola, onde o trabalho efetivamente acontece, onde se constrói a aprendizagem.

Consideramos que a aula foi muito proveitosa e desafiadora. Foi proveitosa, pois os alunos puderam perceber que o conceito de felicidade não é meramente a quantidade de prazer ou de alegria que depositamos nas coisas ou nas pessoas, mas depende, também, da qualidade desses prazeres e dessas alegrias; que a felicidade não é apenas um meio, mas um fim em si mesma. Foi desafiadora, pois entrar no mundo cultural dos alunos não é tarefa simples. Requer-se muito planejamento e organização. Conseguimos completar quase todas as propostas do plano, apenas a avaliação final não foi possível fazermos em sala de aula. Também, adaptamos a ordem da problematização e da investigação filosófica, iniciada já com a música. Contudo, essa alteração didática não comprometeu o aprofundamento da investigação filosófica e os objetivos quanto ao conteúdo ou quanto às habilidades da aula, pois foi a leitura do momento, uma capacidade imprescindível da docência, que nos levou a optar pela nova estratégia.

Dessa forma, a investigação filosófica relatada cumpriu sua função e trouxe para os alunos a possibilidade de refletir sobre temas que, muitas vezes, não ousam pensar. A sequência didática adotada foi fundamental para a reflexão filosófica sobre o tema “felicidade e consumo”.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: UnB, 1999.

EPICURO. **Antologia de textos**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985. In: Os Pensadores. [Versão digital].

KOHAN, W. O.; WAKSMAN, V. (Orgs.). **Filosofia para crianças na prática escolar**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. [Série Filosofia para Crianças, vol. 2].

LIPMAN, M. **A filosofia em sala de aula**. Trad. Ana Luiza Fernandez Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

MC MELQUI. Felicidade é ter dinheiro. [S.l.]: [2012?]. Videoclipe Oficial (03min. 55seg.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0SnL3qEjrjE>. Acesso em: 18 ago 2019.

MILL, J. S. **Utilitarismo**. São Paulo: Escala, 2007. (Grandes obras do pensamento universal, 70).

MULGAN, T. **Utilitarismo**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PICHLER, N. A. Por que você ainda não é uma pessoa totalmente feliz? In: CASAGRANDA, E. A.; TROMBETTA, J. L.; PICHLER, N. (Orgs.) **A Filosofia na praça**: conhecimento, ética e cultura. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2009. p. 119-122.

TROMBETTA, G. L.; BORTOLINI, B. O. de.; KAPCZYNSKI, A. L. (Orgs.). **Filosofia nos olhos**: experiências de ensino. Passo Fundo: Berthier Aldeia Sul, 2003.

WALDINGER, R. Do que é feita uma vida boa? Lições do mais longo estudo sobre a felicidade. **Ted talks**, nov. 2005. Palestra (12min. 40seg.). Disponível em: <https://goo.gl/g4Yxnc>. Acesso em: 29 set. 2017. [Vídeo]